

Novos olhares sobre gênero e sexualidade

Transformações advindas de um curso de formação docente

New perspectives on gender and sexuality
Transformations arising from a teacher's training course

Nuevas miradas sobre género y sexualidad
Transformaciones desde un curso de capacitación docente

BEATRIZ RODRIGUES LINO DOS SANTOS*

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Jequié- BA, Brasil.

MARCOS LOPES DE SOUZA**

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Jequié- BA, Brasil.

RESUMO: Este artigo objetivou analisar as marcas construídas por professoras participantes de um curso de formação sobre diversidade de gênero e sexual desenvolvido por uma universidade estadual baiana. Apoiamo-nos na vertente pós-estruturalista e realizamos entrevistas semiestruturadas com cinco docentes egressas do curso e atuantes na educação básica. Percebemos que as professoras construíram um olhar mais sensível sobre as questões de gênero e sexualidade, contestando o preconceito internalizado e sentindo-se impulsionadas para esses debates na escola, embora requeiram novas aprendizagens.

Palavras-chave: Formação docente. Diversidade de gênero. Diversidade sexual.

* Graduada em Pedagogia e Mestra (stricto sensu) em Educação Científica e Formação de Professores, ambos pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Atualmente é professora efetiva da Rede Municipal de Ensino da cidade de Eunápolis- BA. *E-mail:* <pedagoga.beatriz@gmail.com>.

** Graduado em Ciências Biológicas pela Universidade de São Paulo. É Mestre e Doutor em Educação pela Universidade Federal de São Carlos. É professor titular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (campus de Jequié) e Coordenador do Grupo de Estudos e Pesquisas em Gênero e Sexualidade da UESB. *E-mail:* <markuslopessouza@gmail.com>.

ABSTRACT: This article aimed to analyze the outlines built by teachers who participated in a training course on gender and sexuality diversity developed by a state university in Bahia. We relied upon the post-structuralism side, and conducted semi-structured interviews with five former-alumni female professors who work in basic education. We have noticed that these teachers built a more sensitive view of the issues regarding gender and sexuality issues, contesting the internalized prejudice and feeling urged towards such debates at schools in spite of the fact that they require new learnings.

Keywords: Teacher's training. Gender diversity. Sexual diversity.

RESUMEN: Este artículo tuvo como objetivo analizar las marcas construidas por profesoras participantes en un curso de capacitación sobre género y diversidad sexual desarrollado por una universidad del estado de Bahía. Nos apoyamos en la vertiente postestructuralista y realizamos entrevistas semiestructuradas con cinco profesoras regresas del curso y actantes en educación básica. Percibimos que las profesoras construyeron una visión más sensible sobre las cuestiones de género y sexualidad, refutando los prejuicios internalizados y sintiéndose impulsadas a estos debates en la escuela, aunque requieran nuevos aprendizajes.

Palabras clave: Capacitación docente. Diversidad de género. Diversidad sexual.

Notas introdutórias

Este trabalho trata das possíveis transformações construídas por docentes da educação básica diante de suas vivências em um curso de formação em gênero e sexualidade desenvolvido entre os anos de 2009 a 2011, na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, *campus* de Jequié-BA.¹

A primeira pesquisadora deste artigo participou deste curso no ano de 2011 e, posteriormente, cursou o mestrado na área de concentração em Ensino de Ciências e Matemática, no qual pôde analisar mais detalhadamente as contribuições deste curso na formação docente. Para a primeira autora, o curso lhe permitiu questionar o porquê de tantos medos e receios em dialogar sobre diversidade de gênero e sexual, a mobilizou a enfrentar, de alguma maneira, esses medos e a olhar o espaço escolar como um lugar de possibilidades, de lutas e investimentos. O segundo autor deste texto foi coordenador

do curso e essa pesquisa contribuiu para ele perceber melhor quais os efeitos dessa proposta para as/os docentes que o cursaram e estão atuando nas escolas do ensino básico.

Sabemos que apesar do avanço de discussões sobre diferenças e diversidades, o espaço escolar tem dificuldade de questionar os processos normativos que nos enquadram, sobretudo em se tratando de gênero e sexualidade. A escola ainda opera violentando e, em alguns casos, expulsando aquelas e aqueles dissidentes de gênero e de sexualidade. Lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transgêneros, intersexuais entre tantas outras e outros ainda não são benquistas(os) na escola. Portanto, dentre outras coisas, é interessante a produção de espaços formativos que se mobilizem em desestabilizar e problematizar as verdades construídas em torno das normas de gênero e de sexualidade.

Ancoramo-nos em Jorge Larrosa (2014) para pensar a formação como um processo de experiência, ou seja, a possibilidade de que algo nos aconteça, de que algo nos toque e nos afete. Embora passemos por várias coisas todos os dias em nossas vidas, nem tudo que se passa é experiência, pois esta é carregada de sentidos. A experiência nos forma e nos transforma, exigindo que nos arrisquemos, nos aventuremos e corramos riscos. Baseando-se em Nietzsche, Larrosa (2002) nos traz que a formação é entender como se chega a ser o que se é. Ele complementa nos dizendo que a formação implica que se invista na escuta das coisas para ouvir o que elas têm a nos dizer, senão poderemos cancelar nosso potencial de formação.

Assim, a formação docente pode ou não afetar e tocar a(o) docente de alguma maneira, convidando-a(o) a se rever, se repensar, a dar um passo para trás, colocar-se à deriva e se arriscar. Ferrari e Castro (2013) nos dizem que:

A formação docente pode ser um espaço/tempo em que os/as professores/as têm a oportunidade de desconstruir concepções naturalizadas, abalar certezas prontamente construídas, revisar seus próprios valores, colocá-los sob suspeita, repensar os currículos escolares e as práticas pedagógicas, com vistas à ampliação das noções de saberes legítimos e da pluralidade em torno da vivência da sexualidade, percebendo, também, sua contingência (FERRARI; CASTRO, 2013, p. 316).

Reconhecendo a importância da formação docente e a necessidade de incluir discussões sobre gênero e sexualidade é que nos inquietamos em pensar a questão de pesquisa deste trabalho: quais as marcas o curso de formação provocou/provoca nas/os docentes participantes? Já o objetivo foi discutir as marcas construídas nas docentes que participaram de um curso de formação envolvendo debates sobre diversidade de gênero e sexual.

Na tentativa de buscar respostas, mesmos que provisórias e parciais, a questão norteadora do trabalho, faremos uma breve apresentação de alguns referenciais norteadores da pesquisa, posteriormente, traremos o percurso do trabalho e, seguidamente, analisaremos as principais informações construídas com o material empírico da investigação.

Formação docente e questões de gênero e sexualidade

Neste trabalho, nós nos baseamos em Jorge Larrosa para pensar a experiência como aquilo que produz sentido para as pessoas que a vivenciam. Para a formação ser uma experiência pressupõe mudanças, pois, não adianta sabermos algo, mas não nos modificarmos com o que sabemos. Ao comparar a formação como leitura, Larrosa (2002) nos traz que a relação com o texto é mais relevante do que o texto em si. Portanto, a formação requer uma relação diferenciada, que tenha sentido para as pessoas que a vivenciam. Larrosa nos aponta a experiência como um caminho inseguro, que se conhece ao caminhar, uma viagem ao desconhecido sem se prever o que vai acontecer, correndo riscos, enfrentando perigos e vivenciando surpresas.

A experiência exige ter escuta a fim de que se possa ouvir, sobretudo, aquilo que não se sabe e o que não quer ser ouvido. As pessoas que não se dispuserem a isso, dificilmente vivenciarão uma experiência. No caso das questões de diversidade de gênero e sexual, muitas pessoas não querem ouvir sobre essas temáticas por diferentes motivos, seja por esse debate contestar os seus discursos religiosos, por considerarem irrelevante ou inadequado ao espaço escolar, receio de contrariar algumas famílias, entre outros (BORGES; MEYER, 2008; ROHDEN, 2009). Ao negar a disposição para a escuta, recusa-se a experiência.

Larrosa (2002) questiona a ideia de formação como ajustamento das pessoas a um modelo ideal e fixo de sujeito e, no nosso caso, de um padrão de ser docente, e investe na formação enquanto um processo não prescritivo e não normativo. Embora tenhamos propósitos com os processos formativos, por que não pensá-los como construções abertas, inquietantes, plurais e criativas e, portanto, sem amarras ou um caminho já pré-definido? Não é um exercício simples e tranquilo, inclusive porque ainda somos frutos de um pensamento moderno em que a razão deve se sobrepor aos sentidos e em que insistimos em buscar as verdades das coisas para, então, dominá-las.

Também é importante discorrer sobre o sujeito da experiência, sobre aquela e aquele que a vivenciam. Ser sujeito da experiência é enfrentar os desafios, é se arriscar, é se expor frente aquilo que não se conhece. Pensando no curso de formação de professoras(es) sobre diversidade de gênero e sexual, a(o) docente que vivenciou a experiência transformou-se neste processo, desprendendo de si mesmo para se olhar, é quem teve receptividade para interagir com os diálogos e debates, é quem viu, ouviu, sentiu aquilo que ainda não via, ouvia ou sentia. De acordo com Larrosa (2014), o sujeito da experiência é um sujeito passional, que reflete sobre si mesmo com base na paixão, um sujeito que assume o padecer, que não seja passivo, mas receptivo e um sujeito que não faz a experiência, mas a sofre.

Neste artigo pretendemos destrinchar as possibilidades de *experiência* de cada docente, trazendo alguns momentos de exposição e como foram ou não tocadas/o, de maneira particular, por um processo de formação docente em que se discutiu sobre diversidade de gênero e sexual. Por meio das vozes das professoras evidenciamos o seu *saber*

da experiência de forma singular, afinal nenhum sujeito consegue aprender por meio da experiência do outro,

[...] se a experiência é o que nos acontece e se o saber da experiência tem a ver com a elaboração do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece, trata-se de um saber finito, ligado à existência de um indivíduo ou de uma comunidade humana particular; ou, de um modo ainda mais explícito, trata-se de um saber que revela ao homem concreto e singular, entendido individual ou coletivamente, o sentido ou o sem-sentido de sua própria existência, de sua própria finitude. Por isso, o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal (LARROSA, 2002, p. 27).

O saber da experiência é o que se adquire ao passar pelo processo, portanto, ao vivenciar o curso de formação docente e se este se constituiu como um processo de experiência as docentes terão construído saberes. O saber da experiência não é a verdade das coisas, mas os sentidos delas. Conforme Larrosa (2002), o saber da experiência tem quatro características peculiares, quais sejam: é um saber finito e que mostra ao ser humano a sua finitude; é um saber particular e subjetivo que não pode ser aprendido por outro sujeito; está encarnado na pessoa, tendo sentido conforme o estilo do sujeito e a maneira como a pessoa se conduz e ensina a viver a vida humanamente, em sua plenitude. Nesta análise do que caracteriza o saber da experiência nos preocupamos em entender os efeitos desse saber da experiência nas subjetividades das docentes que participaram do curso.

Larrosa (2002; 2014) também destaca que a experiência não é experimento, pois este pode ser planejado, previsto e desenvolvido de maneira segura e, de certa forma, controlada, já a experiência é um acontecimento, ocorrendo em ocasiões raras e singulares. É possível construir possibilidades que gerem acontecimentos, contudo, o acontecimento não está subordinado a essas possibilidades, podendo escapar delas. Há, portanto, elementos de incerteza e de dispersão que produzem a experiência, inviabilizando que ela seja capturada ou manipulada.

Diante disso, pensar a formação como experiência é apostar na possibilidade de produção de outros sentidos sobre a docência e, em nosso caso, sobre como lidar com as questões de diversidade de gênero e sexual na escola, enfrentando os desafios e se arriscando no desenvolvimento de práticas educativas que contestem os processos discriminatórios de gênero e de sexualidade.

Parece-nos que os cursos de formação inicial de professoras(es) ainda priorizam em seus currículos um pensamento cisheteronormativo, no qual as pessoas devem se reconhecer impositivamente como cisgêneras, aceitando o sexo/gênero que lhes foi imputado no seu nascimento, mesmo que não se identifiquem nele e se definam compulsoriamente como heterossexuais, tendo de recusar qualquer outra prática de afetividade e desejo que escape à heterossexualidade (VERGUEIRO; GUZMÁN, 2014; NOGUEIRA; COLLING, 2015).

Deste modo, quem não se reconhece como cisgênero e/ou heterossexual é invisibilizada(o) e vista(o), nos dizeres de Butler (2000), como um abjeto, ou seja, aquela(e) que não tem o *status* de sujeito, confinada(o) nos espaços sociais inabitáveis, sendo posto(a) à margem e, em alguns casos, exterminado(a), como é o caso das travestis e mulheres e homens trans, assassinadas(os) cotidianamente em nosso país.

Em geral, os cursos ensinam essas normas de gênero e sexualidade construídas socioculturalmente e, na escola, as(os) docentes as reproduzem quando, por exemplo, discriminam uma aluna ou um aluno que escape às normas de gênero ou de sexualidade, corrigem a identidade de gênero e sexual considerada desviante e/ou quando desejam normalizá-la(o) (FERRARI; CASTRO, 2013). Ao reproduzir essas normas, a escola reitera, de alguma forma, a lesbohomobitransfobia, ou seja, o ódio e a violência contra as(os) lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e intersexuais (LGBTTI).

Essas lacunas nos cursos de formação inicial de professoras(es) produziram uma demanda maior de propostas de cursos de diferentes constituições destinados às(aos) docentes da educação básica, a fim de que elas construíssem novos olhares sobre gênero e sexualidade. As iniciativas vieram das reivindicações dos movimentos sociais de LGBTTI, das políticas de saúde sexual e reprodutiva com o advento do HIV/aids e também de pesquisadoras(es) de diferentes universidades do país envolvidas(os) com linhas de pesquisa sobre corpo, gênero e sexualidade e outras interfaces.

Inclusive há pesquisas que trazem alguns resultados dessas investidas. Ferrari e Castro (2013) discutem algumas de suas experiências como formadores em três cursos de formação de professoras(es) sobre as temáticas de gênero e sexualidade. Perceberam que algumas/alguns docentes buscavam essa formação com o propósito de resolver questões cotidianas da escola e que não se achavam preparadas(os) para enfrentá-las, ou que não foram “formadas(os)” para isso, desejando, assim, sanar as lacunas, sobretudo em relação às homossexualidades. Para os autores, os cursos de formação continuada em que estiveram também se constituíram como espaços para ampliação do debate sobre gênero e sexualidade que alguns/algumas docentes já realizavam nas escolas em que trabalhavam.

No artigo de Rohden (2009), ela nos traz algumas análises de um curso de educação a distância sobre gênero, sexualidade e raça/etnia desenvolvido para profissionais da área de educação (docentes, coordenadoras/es pedagógicas e gestoras/es) de escolas públicas brasileiras e com a intenção de construir novas compreensões sobre os processos discriminatórios envolvendo o racismo, o sexismo e a homofobia no âmbito escolar. O curso foi coordenado pelo Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos em articulação com o governo federal brasileiro e o British Council (órgão do Reino Unido que desenvolve ações na área de direitos humanos).

A pesquisadora destaca que durante o curso ainda existia uma naturalização e legitimação das desigualdades de gênero, sexuais e étnico-raciais, porém, houve um processo de abertura por parte de alguns/algumas docentes, especialmente, ao reconhecer os

preconceitos que elas/eles produziam na sala de aula e, a partir daí, romper com essa violência (ROHDEN, 2009).

Prado e col. (2009) se debruçaram em analisar as potencialidades de um curso de formação docente do Projeto Educação sem Homofobia, coordenado pelo Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania Gays, Lésbico, Bissexual e Transexual da Universidade Federal de Minas Gerais em parceria com outras instituições e financiado pela Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade do Ministério da Educação. O projeto ocorreu entre 2007 e 2009 e foi ofertado para docentes da educação básica dos municípios de Belo Horizonte e Contagem, no estado de Minas Gerais.

Esse projeto teve o propósito de questionar as práticas homofóbicas no ambiente escolar e auxiliar as(os) docentes na construção de projetos de intervenção para serem desenvolvidos em escolas com o intuito de diminuir a homofobia. As(os) autoras(es) notaram que, ao iniciar o curso, muitas(os) docentes não reconheciam a homofobia na escola, entendendo que o espaço em que trabalhavam era acolhedor das diferenças, porém, ao longo do curso foram identificando essas formas de violência que eram silenciadas. Também perceberam que algumas/alguns educadoras/es estavam utilizando estratégias aprendidas durante os encontros e que, em alguns dos projetos, houve o envolvimento de outras(os) docentes não participantes do curso, mas interessadas(os) no trabalho; já em outras circunstâncias, houve colegas que estranharam as ações contra a homofobia na escola (PRADO et al., 2009).

Os trabalhos nos indicam que as diversas propostas de cursos de formação docente com as temáticas gênero e sexualidade têm, de alguma forma, mobilizado alguns/algumas professoras(es) a questionar suas vivências escolares, sobretudo em relação ao sexismo e a lesbohomobitransfobia. Entretanto, mesmo vivenciando espaços formativos, as(os) docentes ainda encontram barreiras que dificultam a execução de atividades, especialmente com o recrudescimento de grupos conservadores, como o Movimento Escola Sem Partido, que insiste em minar os trabalhos com gênero e sexualidade nas escolas.

As trilhas construídas nesta pesquisa

Apresentamos o percurso metodológico desse trabalho não como receita pronta e dada, pois, sabemos da multiplicidade de olhares e escolhas para uma pesquisa, portanto apresentaremos os modos que elegemos para caminhar articulados com as nossas escolhas teóricas e políticas. Salientamos que essas opções dizem muito da nossa produção enquanto pesquisadora e pesquisador.

Ao enveredar pelos escritos de Dagmar Meyer e Marlucy Paraíso (2014), construímos o caminho metodológico com base no que elas consideram como um processo de “zig-zaguear”, movimentando-nos entre as escolhas no campo de investigação e as produções

sobre as discussões de gênero, sexualidade e formação de professoras/es. Assim foi possível estranhar, desconfiar, questionar, percebendo as lacunas e os atravessamentos que também acontecem nessa investigação. E foi ziguezagueando que produzimos este trabalho, entendendo-nos como pesquisadora e pesquisador, ex-cursista e coordenador do curso, e também colocando em xeque esses lugares e, portanto, também nos contestando.

Neste trabalho também nos propomos a olhar para as minúcias que subvertem a “ordem” naturalizada, repensando, revendo e refazendo continuamente os caminhos que escolhemos trilhar. Como Louro (2007) nos diz:

Conhecer, pesquisar e escrever nessa ótica significa resistir à pretensão de operar com «a verdade». Implica entender que qualquer verdade ou certeza (incluindo, obviamente, as *nossas*) está ancorada no que é possível conhecer num dado momento, portanto é provisória, situada (LOURO, 2007, p. 241).

O primeiro passo da pesquisa foi detalhar melhor sobre o curso para, em seguida, buscar aquelas docentes que o concluíram. Com base nas informações obtidas com o coordenador da proposta, segundo autor deste trabalho, o curso de formação tinha o propósito principal de se constituir enquanto um espaço de produção de sentidos e de incentivo para a elaboração de práticas educativas que promovessem o enfrentamento ao preconceito e discriminação de gênero e de orientação sexual nas escolas. Este projeto era direcionado para professoras/es e licenciandas/os de diversas áreas de conhecimento.

O curso tinha uma carga horária de 200 horas, iniciava-se em abril e terminava em dezembro de cada ano. Neste trabalho apresentaremos os resultados da pesquisa feita com ex-cursistas que participaram nos anos de 2009, 2010 e 2011. Em geral, os encontros do curso ocorriam aos finais de semana (sextas-feiras e aos sábados), pois, eram os dias e horários que as/os docentes tinham maior disponibilidade para participar das ações. Em 2009, 26 pessoas participaram do curso, em 2010, 27, em 2011, 86 concluíram o curso.

As principais temáticas abordadas no curso foram: conceituações de gênero e sexualidade; feminilidades e masculinidades; feminismos; homossexualidade; bissexualidade; lesbianidade; travestilidade; transgeneridade; religião e diversidade de gênero e sexual; violência contra as mulheres no Brasil; movimento LGBTQTTI e educação; preconceito e violência contra a comunidade LGBTQTTI; direitos humanos com ênfase para os grupos minoritários e sexismo e lesbohomobitranfobia nas escolas.

Nos encontros do curso eram realizadas diferentes atividades tais como: análise de curtas e longas-metragens (*Longe do Paraíso*, *Transamérica*, *Thelma e Louise*, *Milk*, *a voz da igualdade*, *Meninos não choram*, *O segredo de Brockeback Mountain* e *Pra que time ele joga?*); discussão de animação (*Minha vida de João*); leitura e debate de artigos científicos (de autores como Guacira Lopes Louro; Sócrates Nolasco; Sérgio Carrara; Lourdes Bandeira; Marina Reidel e Alípio de Sousa Filho); exposições e rodas de conversa com

pesquisadoras(es) e ativistas do movimento LGBTTI; relatos de experiências vividas por lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e intersexuais; dinâmicas e debates. Ademais, as(os) cursistas elaboravam um projeto de intervenção sobre diversidade de gênero e sexual e o desenvolviam em espaços escolares escolhidos por elas/eles e, no último encontro do curso, todas(os) apresentavam o resultado das ações educativas.

Não houve dificuldades para contatar as professoras que participaram da pesquisa. O contato foi feito por meio de telefonemas e, depois, foram feitas visitas às escolas em que trabalhavam para que pudessemos dialogar sobre o curso de formação docente em diversidade de gênero e sexual. Neste artigo trabalhamos com cinco das oito professoras entrevistadas. Para identificar as docentes, nós utilizamos codinomes de professoras que marcaram a vida da primeira autora do trabalho. No quadro 1 apresentamos as informações gerais das cinco professoras que participaram desta investigação.

Como instrumento de produção das informações, nós optamos pela entrevista semiestruturada (FLICK, 2009), utilizando de um roteiro pré-estabelecido, sendo que outros questionamentos surgiram nos momentos em que dialogamos com as professoras. O uso da entrevista como ferramenta nos permitiu perceber como cada professora encarou a vivência no curso de formação, como o curso a afetou. A primeira autora do artigo teve mais facilidade em dialogar com as professoras sobre as diferentes impressões e sentidos produzidos por intermédio da vivência naquele espaço formativo, pois ela também fez o curso em 2011. Antes de cada entrevista foi apresentada detalhadamente a pesquisa para cada uma das professoras e todas assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido. Resaltamos que todas as entrevistas foram gravadas e, posteriormente, transcritas na íntegra.

Quadro 1: Apresentação geral das professoras.

NOME FICTÍCIO	GRADUAÇÃO	ATUAÇÃO	TEMPO DE ATUAÇÃO NA DOCÊNCIA	CIDADE EM QUE TRABALHA	ANO EM QUE FEZ O CURSO
Aline	Pedagogia	Educação Infantil	28 anos	Jequié-BA	2010
Joanina	Ciências	Ciências	26 anos	Jequié-BA	2009
Lina	Pedagogia	Coordenadora Pedagógica	4 anos	Jequié-BA	2011
Sandra	Biologia e Filosofia	Vice-diretora Filosofia	Mais de 20 anos	Ipiaú-BA	2010
Vilma	Biologia	Física	11 anos	Jequié-BA	2011

Fonte: Autora do trabalho

Nossas análises se pautaram na problematização, como trazido por Foucault (2010), ou seja, em um processo de desprender-se de si, separar-se de si mesmo, buscando desconhecer o que é conhecido, investindo em pensar diferentemente daquilo que se pensava. Entendemos que problematizar é dar um passo para trás e lançar um olhar de estranhamento para as questões que, no decorrer de nossas trajetórias, são consideradas normais, naturais ou como verdades (MARSHALL, 2008).

Olhares e transformações construídos com a vivência formativa

Dialogamos com as professoras que, em algum momento, foram tocadas pelas discussões de gênero e sexualidade e, sobretudo, se oportunizaram vivenciar a experiência, observando suas particularidades e singularidades, diante de uma formação que contribuiu não só para o campo profissional, mas também para a construção de novos sentidos em suas vidas.

Para a professora Aline, a formação docente lhe possibilitou um novo olhar, em especial, para aquelas(es) crianças da escola que se produzem em outros gêneros e sexualidades destoantes da ordem cisheteronormativa. Algumas vezes, as(os) professoras(es) da educação infantil e do ensino fundamental insistem em reiterar as normas sociais de gênero e sexualidade, evitando que meninos brinquem com meninas, usem cores como rosa e vermelho, brinquem com bonecas ou com utensílios de cozinha para crianças, usem roupas, adereços e acessórios considerados femininos e que tenham gestos e atitudes entendidas como femininas, tais como timidez, delicadeza e docilidade. Isso também é aplicado para as meninas a fim de que elas sejam proibidas de vivenciar o que é lido como masculino (FELIPE; GUIZZO, 2008).

Para muitas(os) docentes as transgressões às normas de gênero indicariam que o menino estaria se tornando gay e a menina lésbica. A possibilidade de ter uma criança trans, que não se reconheça no seu sexo/gênero atribuído ao nascimento, causa pânico em muitas(os) docentes que, em geral, aumentam a vigilância sobre ela(e), desejando corrigi-la(o) e instruindo muitas famílias a buscar uma forma de curar o que ainda consideram como doença ou distúrbio.

O medo da homossexualidade e da transgeneridade ainda persegue as pessoas em nossa sociedade. Essas verdades foram construídas socioculturalmente e continuam sendo produzidas em muitas de nossas escolas. Assim, quando Aline diz que modificou seu olhar, ela está falando da maneira que ela vê, pensa e age com crianças e adolescentes que subvertem a cisgeneridade e a heterossexualidade.

Além disso, para Aline, as diferentes atividades desenvolvidas no curso fortaleceram ainda mais as discussões para serem levadas para a escola. Notamos como a professora

Aline é sensível ao perceber a necessidade de, permanentemente, a/o professor/a se reconstruir diante das demandas advindas da escola:

Hoje eu já vejo desse jeito, já recebo alunos pequeninhos que apresentam algumas características e como eu via antes, o meu olhar hoje é outro. Minha relação com a família é outra, então seria muito bom, por isso, que eu digo que há um crescimento e há... A gente sai assim daquele pensamento que não sabia nada. Eu não posso mais dizer: eu não sei nada, nunca ouvi falar, entendeu? Ai vem, tem as fontes, tem os filmes, tem as pessoas que já têm essas vivências, tem a realidade do ambiente da escola, tem a realidade da comunidade escolar e da própria sociedade, não é? E a mídia traz isso à tona pra gente, então, a gente não pode dizer mais que tá pensando do mesmo jeito, não dá pra esconder, não é? Por que eu também, não é? Não adianta dizer que eu aprendi tudo porque eu aprendi muito pouco, porque qualquer um de nós sabe muito pouco sobre as coisas, está tudo mudando o tempo todo. Os conceitos mudam, a ideia hoje é de uma forma, os livros trazem pra gente, na mesma hora já tem novas pesquisas, novas descobertas. E é por conta disso que a gente tem que estar, independente de ser professor, ou de qualquer área da educação, em todas as áreas, a gente tem que ter essa sede de busca pra gente estar reconstruindo esses novos conceitos, principalmente sobre a temática que estamos abordando agora, sobre as sexualidades, sobre qualquer temática em relação a nossa convivência com o outro. Esse é o objetivo (Professora Aline – Turma 2010 - grifos nossos).

A professora Aline demonstra como pensava antes do curso de formação docente e como atualmente compreende as discussões sobre os gêneros e as sexualidades. De forma mais abrangente a professora percebe a necessidade de continuamente aprofundar-se ainda mais em novas pesquisas para que a sua formação tenha respingos no espaço escolar em que atua. Desta forma, por meio do curso de formação houve uma possibilidade da professora pensar sobre sua prática pedagógica e buscar transformações para seus pensamentos, sensações e sua prática.

Ao afirmar que o seu olhar hoje é outro e que a sua relação com a família é outra, Aline nos relata como foi afetada por esse acontecimento, que a tirou do lugar e a modificou. Contribuindo com esse pensamento, Larrosa (2011) nos diz que:

a experiência é um movimento de ida e volta. Um movimento *de ida* porque a experiência supõe um movimento de exteriorização, de saída de mim mesmo, de saída para fora, um movimento que vai ao encontro com isso que passa, ao encontro do acontecimento. E um movimento de *volta* porque a experiência supõe que o acontecimento afete a mim, que produz efeitos em mim, no que eu sou, no que eu penso, no que eu sinto, no que eu sei, no que eu quero, etc. Poderíamos dizer que o sujeito da experiência se exterioriza em relação ao acontecimento, que se altera, que se aliena (LARROSA, 2011, p. 06-07).

Aline fez um movimento de ir e vir, pois por mais que o curso de formação tenha ofertado subsídios para que ela se transformasse e se repensasse, se ela não fosse tocada, a formação docente não teria sido uma experiência. Como Aline mesmo diz “a gente tem que ter essa sede de busca pra gente estar reconstruindo esses novos conceitos [...]” e essa sede permitiu que a exterioridade, no caso o curso de formação, alcançasse o seu interior e a tenha tocado para as discussões.

Já para a professora Joanina, a formação docente foi de suma importância para a construção de sua prática pedagógica e deixou marcas bastante significativas, como ela mesma relata ao ser questionada sobre o curso:

Contribuí muito, até porque é uma disciplina nova e que, às vezes, a gente não sabe nem de que forma abordar essa disciplina. Porque se você vai trabalhar com adolescentes, você tem que ter um linguajar apropriado para a idade e tudo. E esse curso nos deu um empurrão bom, nos ajudou muito. Foi muito bom. Então assim, até para desenrolar mesmo e ter traquejo com eles, manejo, forma de lidar e tudo, conseguir enfrentar o que vinha de lá para cá de uma forma natural. Então, tudo isso foi abordado assim no curso [...]. Contribuí, contribuí muito, porque, às vezes, pelo fato de que não tinha a disciplina, isso dificultava. Você não saber de que forma abordar o tema. E quando você participa do curso fica natural. É uma coisa natural que faz parte da vida, que a família nunca fala, não é? Então, o professor falando em um linguajar mais acessível, então facilitou muito. Tudo isso veio do curso (Professora Joanina – Turma 2009 - grifos nossos).

Com as discussões do curso de formação, Joanina teve mais facilidade para dialogar com suas/seus alunas/os sobre essas temáticas, pois entende que há um determinado linguajar a ser desenvolvido com as/os discentes e que, de alguma forma, o curso a mobilizou, deu um empurrão. Para Joanina há um modo de falar e de fazer que ela entende como correto ou ideal para a criança e a/o adolescente quando se trabalha com sexualidade, há um saber sobre como falar e ensinar essa temática na escola e que ela e outras docentes têm necessidade de aprender.

E o que ficou do curso? Para Joanina o curso lhe permitiu olhar para a sexualidade como algo mais natural, espontâneo, algo que é parte da vida e não uma questão ilícita, imoral, problema ou algo difícil de ser abordado na escola, mesmo porque a sexualidade está na escola, a gente desejando ou não. Como dito por Guacira Lopes Louro:

As questões referentes à sexualidade estão, queira-se ou não, na escola. Elas fazem parte das conversas dos/as estudantes, elas estão nos grafites dos banheiros, nas piadas e brincadeiras, nas aproximações afetivas, nos namoros; e não apenas aí, elas estão também de fato nas salas de aula – assumidamente ou não -, nas falas e atitudes das professoras, dos professores e estudantes (LOURO, 2014, p. 135).

Essa provocação propiciada pelo curso também foi percebida no trabalho desenvolvido por Souza (2016). Ele menciona que o curso de formação docente sobre gênero e sexualidade também minimizou as dificuldades das(os) docentes em dialogar sobre essas temáticas na escola, já que muitas(os) delas(es) se desviavam dessas discussões quando estas atravessavam o espaço escolar.

Houve outros relatos que também nos fizeram pensar as marcas do curso de formação, como foi o caso da professora Lina. Esta professora se pôs a pensar sobre o que é ser diferente em nossa sociedade: afinal como se produz a/o diferente? O que é ser diferente? Para Lina:

Olha uma das grandes marcas que o curso deixou para mim foi, assim, não é que eu não tinha respeito, não é nada disso, com a vida do outro. Isso não existe. Eu acho que

respeito aos princípios e aos valores, você traz essa bagagem consigo e vai se aprimorando... *Mas assim, de ter uma sensibilidade maior, é... Um olhar maior em relação às questões assim, de... de... de gênero, não é?* Começar a entender um pouco, o mínimo, porque eu sei que tem muita coisa que um curso só não abrange, não tem nem como. Mas foi ter assim mais um olhar sensível para compreender que o que a gente acha diferente não é o diferente, é a minha verdade, que eu acho que é a minha verdade, que é o diferente, para o outro não é o diferente. *Eu comecei a perceber isso aí. Eu acho que é uma das grandes marcas que fez realmente, foi começar a duvidar das coisas estabelecidas, como conceitos prontos e começar a enxergar que a verdade minha não é a verdade do outro. O que eu acho que é correto, que eu tenho os meus preceitos não é o do outro e para chegar a um ponto, e a um senso comum é o respeito ao senso comum e passar mais a entender e enxergar o ponto de vista do outro* (Prof.^a Lina – Turma 2011 – grifos nossos).

Lina nos provocou a pensar como as discussões de gênero e sexualidade ainda estão muito marcadas por um processo de preconceito e discriminação, em que a sociedade demarca e enquadra o indivíduo em um processo de normatização. Para a professora Lina nós ainda somos uma sociedade de enquadramentos. Nessas demarcações a sociedade produz o que é ser diferente e quem ou quais instâncias produzem diferenças. Assim, nos questionamos como nós, enquanto sociedade, produzimos tais verdades. Existe uma única verdade? As questões de gênero e sexualidades devem ser vividas apenas de uma forma, ou existem várias possibilidades? Afinal, quem delimita quem é ou não diferente? Conforme Louro (2008, p. 22) nos traz: “a diferença não é natural, mas sim naturalizada. A diferença é produzida através de processos discursivos e culturais. A diferença é ensinada”.

Com o curso Lina assumiu a postura de questionar as discussões enraizadas e produzidas como verdade pela sociedade. Em se tratando das discussões sobre a sexualidade, Michel Foucault (1988), desde o seu livro sobre a “História da sexualidade”, assegurou que houve uma explosão discursiva sobre a sexualidade, passando a ser vigiada e controlada por várias instituições. Para o autor, a escola, as igrejas, as famílias e a própria ciência tomaram para si a autoridade para falar sobre a sexualidade, construindo determinadas verdades e com o propósito de silenciar alguns discursos e controlar os desejos, prazeres e vontades (FOUCAULT, 1988). Esse controle de quais verdades devem ser normatizadas e fixadas vêm de um longo tempo, legitimando alguns discursos e silenciando outros.

Sendo assim, notamos como Lina repensou e permitiu perceber que existem inúmeras diferenças e, portanto, diferentes possibilidades de ser e estar no mundo e de pensar as sexualidades e os gêneros, embora as diferenças sejam hierarquizadas e, com isso, algumas são empurradas para as margens. Essas inquietações de Lina nos estimulam a pensar que a formação implica exercitar nossa capacidade de escuta, de se expor, se colocar à deriva, ler o que as coisas têm a nos dizer, como Lina o fez ao pensar sobre as diferenças. Escutar também é ouvir o que o outro tem a dizer e reconhecer o seu posicionamento (LARROSA, 2002).

Lina se permitiu, por meio do curso, duvidar das coisas estabelecidas como conceitos prontos. Ou seja, o curso questionou verdades fixas, colocou-as em xeque e proporcionou à professora uma reflexão de si mesma. Lina nos relata também que, embora o curso a tenha

provocado de diferentes maneiras, não deu conta de tudo, já que foram priorizadas determinadas questões, portanto, deve-se continuar buscando novos olhares e transformações.

Ainda pensando as marcas das/os sujeitas/os após o curso de formação, Sandra nos diz como seu olhar mudou:

Eu passei a visualizar melhor essa questão do preconceito, porque antes eu não enxergava, eu não via com clareza nas entrelinhas. Como se diz, onde está embutida essa questão do preconceito das pessoas? Eu tenho amigos homossexuais, eu tenho amigas lésbicas, tudo bem, mas quando era minha família a coisa mudava de figura. Doença, a pessoa precisa de tratamento, essas coisas. Então, você começa a enxergar isso nas falas das pessoas, nos discursos delas, até em relação aos alunos. “Está vendo aquele menino tão bonito? Mas é gay”. “Fulano é gay, que desperdício!”. Então, essa clareza de visar essa mudança em como você enxerga o preconceito (Profa. Sandra – Turma 2010 - grifos nossos).

Sandra reconhece como o preconceito está internalizado nas pessoas e que o curso lhe permitiu olhar de outra forma e reconhecer os discursos heteronormativos. Seu olhar foi contestado e, assim, ela foi questionando o discurso de que a homossexualidade é uma patologia. Aprendemos com a psicologia, psiquiatria e medicina do final do século XIX a associar os homossexuais como doentes, já que, o chamado homossexualismo foi uma invenção dessas ciências, tratando-o como um desvio sexual, um transtorno de personalidade, ou seja, o homossexual era diferente do heterossexual, pois o primeiro apresentava um desvio bio-psíquico que deveria ser curado por meio de intervenções terapêuticas (FERRARI, 2015).

Somente em 1990, a Organização Mundial de Saúde despatologizou a homossexualidade, retirando-a da Classificação Internacional de Doenças. Contudo, em 2011, tramitou no Congresso Nacional um projeto de lei que autorizaria o uso de terapias de reversão da orientação sexual por parte das(os) psicólogas(os), mas, felizmente, este projeto foi arquivado. Embora Sandra tenha repensado nesta leitura da homossexualidade como patologia, esse discurso ainda é construído por muitas pessoas e instâncias sociais.

Sandra também repensou o pensamento de que alguém bonito não poderia ser gay, pois seria um desperdício para as mulheres. Esse é um olhar heteronormativo, aprendido e naturalizado por toda sociedade, onde o homem existe para o desejo das mulheres e vice-versa e que, ao nascer homem, ele deveria obrigatoriamente desejar afetiva e sexualmente uma mulher e não outro homem. No pensamento heteronormativo, um homem que deseje outro seria um desperdício para as mulheres heterossexuais.

A professora também relata que as/os alunas/os têm o preconceito enraizado e que a heteronormatividade é reiterada todo tempo no espaço escolar. Guacira Lopes Louro (2011, p. 66) nos ajuda a pensar que “o campo da Educação opera, muito expressivamente, na perspectiva da heteronormatividade – ou seja, dentro da norma heterossexual, quer dizer, no entendimento de que todo mundo é, ou deveria ser, heterossexual”.

Sandra tem amigas lésbicas e amigos gays, mas, antes do curso, se acontecesse de um dos seus familiares assumir-se como lésbica e/ou gay, ela agiria com lesbohomobitansfobia,

não entendendo essas sexualidades como possibilidades de vivências dos desejos e dos afetos, mas como doenças e que deveriam ser curadas, evidenciando uma forma de ódio e violência contra as(os) LGBTTI.

Na pesquisa de Souza e Santos (2014) realizada com professoras/es de um curso de Licenciatura em Ciências Biológicas do Programa de Formação de Professores (Parfor), eles perceberam que ao questionar essas/es docentes sobre a possibilidade de seus/suas filhas/os assumirem-se como homossexuais ou lésbicas, muitos/as as/os apoiariam, enquanto outras/os teriam bastante dificuldade de acolhimento e que, antes, tentariam “corrigir” esses desejos e afetividades de todas as formas, com a ajuda de psicólogos/os, igrejas ou mesmo apresentando alguém do outro sexo/gênero para ficarem e/ou namorarem. Após a vivência no curso, Sandra repensou sobre isso e lida com esta questão de outra forma. O curso a afetou de alguma maneira, instigando-a se rever.

As professoras Sandra e Vilma repensaram sobre os preconceitos em relação às homossexualidades com a vivência no curso e isso também foi percebido em outras investigações. A pesquisa de Borges e Meyer (2008) investigou, entre outras coisas, os possíveis efeitos de uma proposta formativa nas práticas pedagógicas das professoras participantes. Este curso intitulava-se “Educando para a Diversidade”, executado por uma organização não-governamental que atuava junto aos direitos sexuais na cidade de Porto Alegre-RS e financiado pelo Programa Brasil Sem Homofobia. Foram entrevistadas professoras que participaram do curso, sendo que uma das mudanças identificadas nas análises foi o reconhecimento de posturas preconceituosas por parte delas próprias, embora reconheçam que ainda apresentam dificuldades em desenvolver ações contra a homofobia.

No caso da professora Vilma, embora ela diga que o curso tenha aberto a sua mente para algumas questões de gênero e sexualidade, ainda compreende a homossexualidade como desperdício, diferentemente de Sandra, que entrou com esse pensamento, mas deu outros sentidos a ele, se oportunizando questionar a heterossexualidade compulsória e outras marcas que normatizam os gêneros e as sexualidades. Para Vilma:

Foi isso, abriu mais (risos)... Abriu mais a mente porque a gente tem na realidade muito preconceito, não é? A gente tem assim é... um tabu, sei lá. E aí hoje está se tornando tão natural e, assim, abre mais nossa visão, não é? No curso a gente percebe também, pela forma que traz essa questão, abre mais a nossa mente... A gente ainda tem, não vou dizer que não, porque, às vezes, eu digo: “Oh meu Deus, que desperdício, aquele menino tão bonito (risos)” (Profa. Vilma – Turma 2011 - grifos nossos).

Vilma discorre que ainda existe muito preconceito na sociedade e que hoje as questões de gênero e sexualidade estão se naturalizando. Ao mesmo tempo, relata que ainda tem preconceitos e, às vezes, acha desperdício um homem bonito ser gay. Desperdício para quem e por quê? Talvez pense assim porque espera que o homem compulsoriamente deva desejar uma mulher e não outro homem. Diante disso, para pensar até que ponto para a professora Vilma o curso se configurou como uma formação marcada pela experiência, nós retomamos os dizeres de Jorge Larrosa:

[...] a experiência é o que me acontece e o que, ao me acontecer, me forma ou me transforma, me constitui, me faz como sou, marca minha maneira de ser, configura minha pessoa e minha personalidade. Por isso, o sujeito da formação não é o sujeito da educação ou da aprendizagem e sim o sujeito da experiência: a experiência é a que forma, a que nos faz como somos, a que transforma o que somos e o que converte em outra coisa (LARROSA, 2014, p. 48).

Com a colaboração de Jorge Larrosa arriscamos dizer que apesar de a professora Vilma ter feito e concluído o curso de formação, ela foi pouco transformada.

Essa pesquisa nos ajudou a pensar as diferentes marcas que a formação docente pode deixar em um/a professor/a e que, apesar de passar pela formação docente e de algumas pessoas serem tocadas, outras não o são, ou seja, a formação docente não é uma garantia de que a experiência aconteça. A busca de uma formação é aventurar-se, é um arriscar-se, podendo ou não produzir experiência.

Que venham outros empurrões...

Salientamos para cada leitor/a, professor/a e pesquisador/a que se interessou em ler esta investigação que o texto é apenas uma possibilidade de leitura sobre a formação docente e as questões de gênero e sexualidade, portanto, outros olhares podem ser lançados sobre a discussão. Aqui apontamos algumas problematizações baseadas em nosso olhar e nas experiências que vivemos, enveredadas pelas vozes das docentes e ancoradas nos referenciais que direcionaram a análise, destarte, não podemos dizer que o trabalho está encerrado.

Ressaltamos que nos ancoramos nos escritos de Jorge Larrosa e sua compreensão do conceito de experiência como aquilo que move/moveu as/os docentes a desenvolverem seus trabalhos. Assim, investigamos nos relatos se a formação docente as tocou de alguma maneira, trazendo novo sentido para suas vidas.

Foram diversos os efeitos possibilitados pela vivência no curso de formação e ele tocou as professoras de forma singular, subjetiva e pouco possível de ser repetida. Podemos mencionar a subversão dos olhares discriminatórios e excludentes em relação à diversidade de gênero e sexual, embora uma das professoras, Vilma, ainda veja a heterossexualidade como compulsória, especialmente para os garotos.

Para outra professora, Aline, não é possível dizer, após a vivência no curso, que não sabe nada ou que nunca ouviu falar sobre gênero e sexualidade, pois, de alguma forma, o curso proporcionou a produção dos saberes por meio dos diálogos, sensibilizações, reflexões e discussões sobre curtas e longa-metragens e reflexões das vivências da comunidade LGBTQTTI. Ressalta-se também que as professoras não aprenderam tudo, mesmo porque, novas releituras sobre essas temáticas se constroem permanentemente.

Sentirem-se impulsionadas para dialogar sobre gênero e sexualidade na escola foi uma das marcas propiciadas pelo curso, inclusive, contestando as interdições em relação à sexualidade. Esperamos que novos empurrões para o debate sobre diversidade de gênero e sexual sejam provocados por tantos outros espaços formativos que se desenvolvem nos diferentes locais do País. Apostamos na formação como uma travessia, uma aventura em busca do que se desconhece, arriscando-nos por novos caminhos, mesmo que tortuosos e incertos.

Recebido em: 30/05/2020 e Aprovado em: 16/06/2020

Notas

1 Apoio: CAPES.

Referências

- BORGES, Z. N.; MEYER, D. E. Limites e possibilidades de uma ação educativa na redução da vulnerabilidade à violência e à homofobia. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 58, p. 59-76, jan./mar., 2008.
- BUTLER, J. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo; In: LOURO, G. L. (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 151-165.
- FELIPE, J.; GUIZZO, B. S. Entre batons, esmaltes e fantasias. In: MEYER, D. E.; SOARES, R. F. R. **Corpo, gênero e sexualidade**. 2 ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 2008, p. 31-40.
- FERRARI, A. Homossexualidade. In: COLLING, A. M.; TEDESCHI, L. A. (orgs.). **Dicionário crítico de gênero**. Dourados: Ed. UFGD, 2015, p. 358-363.
- FERRARI, A.; CASTRO, R. P. "Quem está preparado pra isso?": Reflexões sobre a formação docente para as homossexualidades. **Práxis Educativa**, Brasil, v. 8, n. 1, p. 295-317, enero-junio, 2013.
- FLICK, U. **Desenho da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 13ª Ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade II: o uso dos prazeres**. 13 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2010.
- LARROSA, J. Literatura, experiência e formação. In: COSTA, M. V. (org.). **Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação**. 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 133-160.
- LARROSA, J. Experiência e alteridade em educação. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 19, n. 2, p. 4-27, dez. 2011.
- LARROSA, J. **Tremores: escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

LOURO, G. L. Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 46, p. 201-218, dez. de 2007.

LOURO, G. L. **Um corpo estranho**: ensaio sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

LOURO, G. L. Educação e docência: diversidade, gênero e sexualidade. **Revista Brasileira de Pesquisa sobre formação docente**, Belo Horizonte, v. 3, n.4, p.62-70. 2011.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 16 ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2014.

MARSHALL, J. Michel Foucault: pesquisa educacional como problematização. In: PETERS, M. A.; BESLEY, T. (orgs.). **Por que Foucault?** Novas diretrizes para a pesquisa educacional. Porto Alegre: Artmed, 2008, p. 25-39.

MEYER, D. E.; PARAÍSO, M. A. Apresentação à primeira edição. In: MEYER, D. E.; PARAÍSO, M. A. (orgs.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014. 2ª ed. p. 17-24.

NOGUEIRA, G.; COLLING, L. "Homofobia, heterossexismo, heterossexualidade compulsória, heteronormatividade". In: COLLING, A. M.; TEDESCHI, L. A. (orgs.). **Dicionário crítico de gênero**. Dourados: Ed. UFGD, 2015, p. 353-358.

PRADO, M. A. M.; PERUCCHI, J.; TORRE, M. A.; MARTINS, D. A.; TOLENTINO, L. Formação de professores e subalternidades sexuais: uma experiência no âmbito das proposições do programa Brasil sem homofobia. In: RIBEIRO, P. R. C; SILVA, M. R. S.; GOELLNER, S. V. **Corpo, gênero e sexualidade**: composição e desafios para a formação docente. Rio Grande: Editora da FURG, 2009, p. 115-126.

ROHDEN, F. Gênero, sexualidade e raça/etnia: desafios transversais na formação do professor. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 39, n. 136, p.157-174, jan./abr., 2009.

SOUZA, M. L. Diversidade de gênero e sexual: apontamentos de uma proposta de formação docente In: SEFFNER, F. CAETANO, M. **Discurso, discursos e contra-discursos latino-americanos sobre a diversidade sexual e de gênero**. Rio Grande: Editora da FURG, 2016, p. 979-997.

SOUZA, M. L.; SANTOS, L. A. "Apague o quadro que nem homem!": os embates sobre diversidade de gênero e sexual em um curso de formação de professores de ciências e biologia. In: FERRARI, A. et al. **Anais [do] VI Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade; II Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade; II Encontro Gênero e Diversidade na Escola**, Juiz de Fora, MG – Lavras: Center Gráfica e Editora, 2014.

VERGUEIRO, V.; GUZMÁN, B. R. Colonialidade e cis-normatividade: conversando com Viviane Vergueiro. **Iberoamérica Social: revista-red de estudios sociales**, Sevilla, v. 2, n. 3, 15-21, dez. de 2014.